

Ainda sobre não

na terra-corpo
em que *talvez* não existe
meu *sim*, vale prata
meu *não*, vale ouro
quem traz o desejo?

em rio seco
há o *não* do outro:
quase enlouqueço de dor
na indiferença
que rasga as camadas
já cauterizadas
bisturi fininho
riscando de mansinho
até sangrar- em gota-
o peito
(antes palavra que silêncio; antes nunca do que um dia; antes pé no chão do
que etéreo; antes, adeus)

em mar de afeto
não quero molhar o pé
(antes com boia do que na beira: há muitas formas de dizer não)

em território
em que há só uma rainha
o que molha, fica
(é preciso água pra plantar
e ar pra não sufocar)

o tanto de *não*
camuflado de *sim*
me custou idas
ao inferno
e agora de longe
já me enche a narina
seu cheiro pútrido

em terra de alma que voa
asa de fogo abre caminho:
o *sim* bendito
vale mil vi(n)das

na terra-corpo
em que *porém* não existe
meu *sim*, é esmeralda
meu *não*, diamante

eu, coroa enfeitada
danço

Debora Costa